

Aquisição de segunda língua em contextos de bilinguismo societal / Second language acquisition in the context of societal bilingualism



Elisângela Kipper*

Resumo: O presente artigo trará uma reflexão teórica a partir dos conceitos de bilinguismo, interferência, interlíngua e troca de códigos. Esta abordagem teórica é bastante relevante para a compreensão do processo de aquisição de segunda língua, tanto em contextos formais, como informais. No que tange às línguas em contato, serão citados os diferentes contextos em que o português brasileiro mantém contato com outras línguas, no entanto, a discussão central será no caso do contato do português com o espanhol. Serão discutidos a questão da estigmatização de algumas variedades linguísticas e o preconceito ideológico incutido nesse contexto.

Palavras-chave: Bilinguismo; transferência; contato linguístico; estigmatização.

Abstract: This article will provide a theoretical reflection from the concepts of bilingualism, interference, interlanguage and change of codes. This theoretical approach is highly relevant to understanding the process of acquisition of second languages, in both formal, and informal. Regarding the languages in contact, the different contexts in which Brazilian Portuguese maintains contact with other languages will be cited, however, the discussion will be central in the case of contact of Portuguese with Spanish. It will discuss the issue of stigmatization of some linguistic varieties and ideological preconception instilled in this context.

Keywords: Bilingualism; transfers; language contact; stigmatization.

INTRODUÇÃO

Por muitos anos, o Brasil foi considerado um país monolíngue¹, o que em termos de lei ainda prevalece. Nos últimos anos, contrariamente à visão equivocada de que este é um país homogêneo em termos de língua, amadurece a preocupação com os estudos e a divulgação da diversidade dialetal do português brasileiro. A língua falada no Brasil é historicamente marcada pela subtração² das línguas indígenas e africanas, assim como pelo

* Mestre em Letras - PUCRS. Professora de Língua Espanhola – IFMT. E-mail: elisangela.kipper@bag.ifmt.edu.br.

¹ Com relação à questão histórica das políticas linguísticas coibitivas em relação às línguas minoritárias no Brasil, ver: Altenhofen, 2004, p. 83-84; 89.

² Em se tratando de bilinguismo, é interessante diferenciar, de acordo com Câmara Júnior (1977, p. 42, 227, 228 e 230), entre: a) *substrato* - nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ele se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política; b) *superstrato* - nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido; c) *adstrato* - toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos. Estas noções, apesar de sua idade (provêm da tradição dos estudos filológicos), mostram que a questão do

contato linguístico entre a língua oficial e as diversas línguas trazidas pelos imigrantes. Estas últimas, que por muitos anos permaneceram aqui, numa condição de adstrato, estão se extinguindo a cada nova geração.

Além das situações destacadas acima, cabe ressaltar, segundo Fernández (2005), que o Brasil faz fronteira com sete países onde o espanhol é a língua oficial (ou cooficial, como no caso do Paraguai, com o Guarani): Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Em se tratando de situações de fronteira, é inevitável o contato linguístico entre os povos, visto que, na maioria dos casos, é apenas uma rua que os delimita. Verifica-se assim que é impossível afirmar que nestes locais sobreviverão um português ou um espanhol homogêneo. Nestes contextos, o contato provoca, evidentemente, uma convivência (abstrata) de línguas.

Este artigo procurará abordar conceitos relevantes que envolvem a aquisição de segundas línguas num panorama de contato. De acordo com Altenhofen (2008, p.137), é possível distinguir os seguintes tipos de contato linguístico, no contexto brasileiro:

- 1) Português e línguas autóctones (indígenas);
 - 2) Português e línguas afro-brasileiras;
 - 3) Português e línguas alóctones (de imigração);
 - 4) Português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
 - 5) Português e línguas co-oficiais em contato (por exemplo Tukano, Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro);
 - 6) Contatos linguísticos de fronteira com países vizinhos;
 - 7) Contatos entre falantes de variedades regionais do português.
- (ALTENHOFEN, 2008, p. 137).

Toda a situação de contato é, evidentemente, cenário propício para a aquisição bilíngue, não formal³ e inconsciente. A seguir se discutirão os conceitos mais recorrentes na análise dessas situações: o próprio conceito de bilinguismo, a questão das transferências e das interferências, o papel dos empréstimos, a noção de interlíngua, bem como a alternância de códigos. Finalmente se discutirá a questão do contato linguístico em contextos de fronteira

contato linguístico já é anterior à pesquisa moderna, embora vista de forma indireta e influenciada pela história (de um povo subjugando a outro).

³ Referem-se àquelas situações em que as pessoas aprendem a segunda língua inconscientemente, quando o bilinguismo provém da necessidade de comunicação oral, acontecendo no cotidiano, de forma involuntária, movida pela imersão em um contexto que a propicie. Tal aquisição, portanto, é diferente da aquisição de L2 em contexto formal, que ocorre com a ajuda de um professor e de forma consciente.

entre o Brasil e o Uruguai e a questão da estigmatização das variedades dialetais que surgem nestas regiões.

1 CONCEITOS PERTINENTES À AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA EM SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO

1.1 BILINGUISMO

O termo bilinguismo já gerou inúmeras discussões entre os pesquisadores, com opiniões bastante divergentes. A partir das pesquisas teóricas de Semino (2007), verifica-se que Bloomfield (1933) caracteriza o bilinguismo como o domínio nativo de duas línguas; Weinreich (1953) o entende como a prática de duas línguas usadas alternativamente; Haugen (1953), por sua vez, acreditava que o simples fato de um indivíduo utilizar algumas expressões em outra língua, já o caracterizaria como bilíngue.

Zimmer, Finger e Scherer (2008) também discutem o tema e entendem que não existe definição consensual de bilinguismo entre os pesquisadores. As autoras criticam as concepções teóricas que defendem que a L2 de um bilíngue deva ser comparada a de um nativo:

[...] é praticamente impossível atingir-se uma proficiência total em duas ou mais línguas, considerando-se as quatro habilidades linguísticas (fala, escrita, compreensão auditiva e leitora) e cada um dos seus subcomponentes linguísticos de cada língua (morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, discurso e fonologia). (ZIMMER, FINGER, SCHERER, 2008, p.04).

Seguindo a definição de Vaid (2002, *apud* ZIMMER, FINGER, SCHERER, 2008, p.05), entende-se que bilíngues são “os indivíduos que conhecem e usam duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com o mesmo nível de proficiência”.

Altenhofen (2004) corrobora a teoria das autoras anteriormente citadas. Em suas pesquisas com a variedade Hunsrückisch da língua alemã, em contexto de bilinguismo societal/social⁴, o autor aponta a existência de graus diferenciados de bilinguismo. O pesquisador verificou que o grau de proficiência dos informantes em alemão e português é

⁴ Definições de bilinguismo entendidas como sinônimas e explicadas a seguir, na página 91.

diferenciado, muito embora tenham o mesmo perfil sócio-econômico e cultural. Segundo suas investigações, o grau de bilinguismo irá variar dependendo da quantidade e da periodicidade em que o informante usará cada uma das línguas, com isto “não se pode considerá-los bilíngues iguais, no mesmo sentido”.

Mackey⁵ (1972, *apud* ALTENHOFEN, 2004, p.153) define o bilinguismo como “um padrão de comportamento que envolve práticas linguísticas que mudam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência”. Weinreich⁶ (1974, *apud* ALTENHOFEN, 2004, p.153) acredita que “o meio de emprego da língua (oral ou escrito), a ordem de aquisição e a idade, a utilidade para a comunicação, o envolvimento emocional, o papel da língua na promoção social e o valor literário-cultural das línguas envolvidas”, são fatores que também irão influenciar na capacidade bilíngue dos indivíduos.

Assim, entende-se que o “bilíngue pode ter maior ou menor fluência numa língua do que em outra” (ZIMMER, FINGER, SCHERER, 2008, p.05), não podendo ser visto como o indivíduo que possui habilidade nativa em ambas as línguas.

Em se tratando de línguas em contato, cabe destacar ainda outras noções de bilinguismo. Weinreich⁷ (1953, *apud* SEMINO, 2007, p.48) distingue o *bilinguismo individual* e o *bilinguismo social*. O primeiro se refere ao bilinguismo de um mesmo indivíduo e sua relação com duas línguas, enquanto que o segundo (social/societal) não analisa a situação de bilinguismo de maneira individual, visto que abrange grande parte de uma determinada comunidade, que se expressa em duas línguas. Esse último é o caso típico de línguas de fronteira (Brasil/Uruguai, por exemplo, conforme Broveto, Geymonat e Brian, 2007), onde a maioria da população possui habilidades linguísticas em ambas as línguas.

No caso de bilinguismo individual, outra classificação é pertinente. Segundo as reflexões de Semino (2007), existem indivíduos que se relacionam com as línguas nas quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever): esses são denominados *bilíngues ativos*. Em contrapartida, há aqueles que possuem apenas habilidades receptivas, de entendimento (como ouvir e ler/entender), sendo considerados *bilíngues passivos*. A questão da dicotomia entre bilinguismo passivo/ativo é fácil de ser entendida tomando como exemplo as comunidades de imigração alemã e italiana, no sul do Brasil. Nessas comunidades, as gerações mais novas apenas entendem os dialetos de imigração. Dominam, portanto, somente a habilidade passiva,

⁵ MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: Fishman, Joshua A. [org]. *Reading in the sociology of language*. 3.ed. The Hague: Mouton, 1972. P. 554-584.

⁶ WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact*. The Hague; Paris: Mouton, 1974. [1953].

⁷ WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact*. Findings and problems. Linguistic Cercle of New York. 1953.

enquanto que a habilidade ativa da fala está presente, em maior quantidade, nas gerações mais velhas.

De acordo com Ponso (2006), também é possível diferenciar o bilinguismo por funções. Nesse caso observam-se as circunstâncias em que o falante bilíngue faz uso de cada uma das línguas. Desse modo existem *funções externas e internas*. As externas dizem respeito às áreas onde as línguas foram adquiridas e são usadas (em casa, vizinhança, igreja, escola, televisão, livros); à variação da duração (quanto tempo a língua é falada); à variação da frequência (a média de horas em que a língua é falada); à pressão social que influencia o falante a usá-las (econômica, administrativa, cultural, política, militar, histórica, religiosa ou demográfica). As *funções internas* seriam os usos não comunicativos da língua: contar, calcular, rezar, blasfemar, sonhar, anotar e as aptidões intrínsecas de cada falante (idade, sexo, inteligência, memória, atitude, motivação).

1.2 A TRANSFERÊNCIA, A INTERFERÊNCIA E A INTERLÍNGUA NO CONTATO ENTRE LÍNGUAS PRÓXIMAS

É impossível pensar a aprendizagem⁸ de uma segunda língua (L2), em contextos formais ou informais, sem a ocorrência de transferências da língua materna (LM) para a L2. Independente do contexto em que essa aquisição irá se inserir, existirá um processo caracterizado pela gradualidade e pela dinamicidade da língua. Segundo Zimmer (2008, p.233) “no processo de aprendizagem da língua estrangeira, os aprendizes baseiam-se no conhecimento que têm de sua língua materna para compreender como a língua estrangeira é estruturada”. Desta forma, nesse processo de associações com a língua materna, geralmente ocorrem transferências. Essas, por sua vez, podem ser entendidas negativa ou positivamente.

Segundo Alvares (2002), as transferências são positivas quando a influência exercida pela LM na L2 pode ser considerada uma ajuda benéfica. Observa-se que, a partir de algumas semelhanças lexicais que atuam positivamente entre o português e o espanhol, o aprendiz é capaz de inferir significados, como nos exemplos: *coração/corazón*, *mesa/ mesa*, *prato/plato*. Em contrapartida, a autora admite haver interferência negativa, nos casos em que as transferências da LM provocarem dificuldades na comunicação em L2. Nesses casos, um brasileiro que aprende espanhol poderia pressupor que *una mujer embarazada* seria uma

⁸ Este artigo não distingue aprendizagem e aquisição segundo a dicotomia de Krashen. Ambos os termos serão usados no mesmo sentido por acreditar-se que todo o processo de aprendizagem torna-se automático por meio da frequência e do uso, inserindo-se assim nas redes neuronais e, portanto, sendo adquirido/ aprendido.

mulher que está com dificuldades de resolver problemas - ‘enrolada’ e não uma mulher grávida, significado correto da expressão na língua espanhola. Verifica-se que a semelhança entre as línguas em questão, no último exemplo, pode gerar uma confusão negativa para a suposta comunicação.

No início da aprendizagem, a proximidade entre o português e o espanhol favorece os aprendizes, desinibe-os e motiva-os a arriscarem-se sem medo. No decorrer do processo, quando a complexidade aumenta, essa semelhança pode vir a acarretar supergeneralizações das estruturas mais recorrentes, ocasionando aplicações inoportunas e fossilizações. Um exemplo clássico seria a famosa *Cueca – Cuela*, quando as supergeneralizações de regras dão lugar ao desprestigiado portunhol, muito comum em regiões de contato. O portunhol advém da necessidade de comunicação entre países vizinhos e, como as línguas são muito parecidas, seus usuários se arriscam no diálogo.

Calvet (2007) adota a divisão de Uriel Weinrich (1953) que, em seu livro *Languages in Contact*, divide as interferências em três tipos. As *interferências fônicas*, que dizem respeito a pronúncias e sotaques da língua materna na língua objeto; as *sintáticas*, que ocorrem quando o indivíduo organiza a estrutura da frase da língua objeto com as estruturas da língua materna e, finalmente, as *interferências lexicais*, que envolvem os falsos cognatos e abrem espaço aos empréstimos.

Os empréstimos ocorrem quando o falante, expressando-se em uma segunda língua, procura em sua língua materna um equivalente que não conhece, ou que, naquele momento, não esteja disponível em sua memória enciclopédica da L2. No que tange ao fator que diferencia empréstimos de interferências, cabe ressaltar que os primeiros são coletivos, sendo recorrentes em uma comunidade de fala, enquanto que o segundo fenômeno é particular, individual e depende do estágio de interlíngua do aprendiz.

Semino (2007), após vários anos de estudos, análises e observações das interferências em universitários brasileiros, aprendizes de espanhol, faz um levantamento dos fenômenos mais recorrentes, organizando-os em uma tipologia. O objetivo da autora não é perseguir obsessiva e exclusivamente os erros, mas detectar interferências e, dentro do possível, explicá-las, visto que as considera instâncias linguisticamente interessantes. A classificação da autora surgiu a partir da coleta de dados em situações formais, no entanto, pode ser aproveitada para análises em situações de aquisição informal de uma L2, como no caso do contato linguístico entre línguas de fronteira. Tem-se então, segundo Semino (2007):

1) *Simplificação e extensão*: A primeira se evidencia quando aparecem inovações estruturais mais simples que as originais. Ex: um brasileiro usando a contração *pela* do português, quando deveria usar *por la*, expressando-se em espanhol. A segunda pode exemplificar-se com a palavra *legal*, que em português possui variados sentidos: de acordo com a lei, prazeroso, interessante, bom. Em espanhol, a palavra *legal* ocorre somente no sentido jurídico, então, a extensão se dará quando um brasileiro a usa, em espanhol, nos vários sentidos que ela possui em sua língua materna.

2) *Trocas induzidas por interferência*. Nesse caso, a autora subdivide esse fenômeno em:

a- *Interferência aberta* - quando ocorre a inserção direta de uma peculiaridade portuguesa na estrutura que deveria ser em espanhol, como por exemplo, o uso do infinitivo pessoal. Em português: *vou sair*; forma interferida: *voy salir*; espanhol: *saldré*.

b- *Empréstimo de importação* - quando algumas palavras de uma língua acabam se inserindo no contexto da outra, como o que ocorre com a palavra *curtir* do português e que já se usa no Uruguai com a mesma grafia, pronúncia e significado.

c- *Empréstimo de substituição* morfológica com adaptação fonológica e fonética. Por exemplo: o *quase* do português é usado como *cuase* em espanhol, quando a forma original seria *casi*.

d- *Mesclas* - quando em uma só palavra existem traços de ambas as línguas, muito frequente na conjugação de verbos dos aprendizes.

e- *Calco* - quando ocorre a substituição de morfemas sem importação. Exemplo: *mandalluvia*, para referir-se a *poderoso*.

3) *Deslocamento*. Quando ocorre a alteração da ordem natural das palavras na oração, como por exemplo, o desvio na colocação dos clíticos.

4) *Confusão de heterossemânticos, heterogênicos e heteroprosódicos*. A primeira ocorre quando palavras são escritas da mesma maneira nas duas línguas, porém, com significados diferentes (*salsa* é um condimento em português e significa *molho de tomate* em espanhol). A segunda confusão diz respeito a substantivos que possuem gêneros diferentes nas duas línguas (*o sal* em português, *la sal* em espanhol; *a dor/ el dolor*). A terceira confusão inclui as interferências que se dão a partir de vocábulos que se assemelham na escrita, porém, o acento tônico é em sílabas diferentes (*nível* em português, *nivel* em espanhol; *imbecil/ imbécil; oxigênio/ oxígeno*).

5) *Sobregeneralização*. É o uso mais extenso de uma forma, generalizando as regras para vocábulos que não possuem aquela estrutura. Ocorre muito na generalização das desinências

dos verbos regulares para os irregulares (no espanhol *saliré*, no lugar de *saldré*), o uso de pronomes pessoais sujeitos no espanhol, por aprendizes brasileiros (*Yo saldré mañana*, em lugar de *Saldré mañana*).

6) *Análise*. Preferência ou uso de construções perifrásticas em lugar de construções mais sintéticas. Como exemplo, tem-se o uso frequente de perífrase do verbo ir, de influência do português, em construções na língua espanhola (*voy a ir*, no lugar de *iré*; *vamos a ir*, no lugar de *iremos*).

7) *Convergência linguística*. Processo de influência de uma língua sobre outra que acarreta uma adaptação ou assimilação convergente entre duas línguas em contato, desenvolvendo assim estruturas comuns entre ambas.

8) *Relexicalização*. Substituição do léxico de uma língua pelo da outra, porém mantendo a sintaxe original.

9) *Alternância Linguística*. É a capacidade que o bilíngue possui de trocar rapidamente sua fala de uma língua a outra. Pode ser:

a- *Emblemática* - quando a troca de códigos ocorre para fazer uma explicação adicional, pois algo não ficou bem especificado na língua em uso pelos interlocutores.

b- *Interoracional* - quando se faz uso alternado das línguas em diferentes orações de um mesmo discurso.

c- *Intraoracional* - quando se faz uso de mais de uma língua dentro da mesma oração.

Cabe destacar, juntamente com os fenômenos de transferência e interferência, a noção da interlíngua⁹. Essa pode ser entendida como os diferentes estágios de desenvolvimento do processo de aquisição/aprendizagem de uma L2 e está relacionada com os diferentes níveis de aprendizagem, segundo Semino (2007). Nesse sentido, verifica-se que, no início da aquisição de uma L2, a quantidade de interferência será em maior número. No desenvolvimento da interlíngua, com um maior contato e uso da língua objeto, tal interferência irá gradualmente diminuindo. Nessa perspectiva, a interlíngua pode ser considerada um sistema linguístico próprio/ autônomo de cada aprendiz que, nos casos de línguas em contato, assim como na aprendizagem formal, serve para o propósito comunicativo dos interlocutores.

Segundo Semino (2007) o processo da interlíngua também é denominado por diferentes pesquisadores da área como *sistema aproximativo* (por aproximar-se gradualmente da língua-alvo), *dialeto transitório* (por não ser definitivo e evoluir em direção à língua

⁹Segundo Semino (2007), termo que se generalizou a partir dos estudos de Selinker (SELINKER, L. Interlenguaje. In: *International Review of Applied Linguistics*, 1972).

objeto), ou *dialeto idiossincrático* (já que as regras do sistema do indivíduo geralmente pertencem somente a ele, não existindo tais regras nos sistemas linguísticos com que ele convive). Então, durante o processo cognitivo da criação de seu sistema, o aprendiz acaba formulando, testando¹⁰ e reestruturando¹¹ hipóteses a partir das redes já criadas por sua LM, ou outros sistemas linguísticos que conheça previamente. O que para muitos já foi considerado erro, na verdade é um processo obrigatório, uma espécie de andaime/ *scaffold*, na aquisição de outras línguas, que não sejam a materna.

Considerando os fenômenos acima mencionados, numa perspectiva conexionista, verifica-se que o padrão das conexões já está presente, pois foi estabelecido pela LM e, portanto, há um conjunto de associações com seus pontos fortes já fixados, conforme Gass e Selinker (2008). São essas associações que possibilitam a interferência quando uma segunda língua começa a se estabelecer nas redes neuronais, mais intensas num primeiro momento da aquisição da L2, pois as conexões da L1 são as que prevalecem. À medida que o indivíduo vai tendo um maior contato com a língua que está aprendendo, a plasticidade cerebral possibilita-lhe a criação de novos caminhos, dando lugar a um novo sistema que vai se estabelecendo enquanto o aprendiz avança na língua. Verifica-se então que a quantidade de transferências diminui proporcionalmente, em razão de um maior aprendizado e uso da L2.

1.3 TROCA DE CÓDIGOS / ALTERNÂNCIAS DE CÓDIGOS OU *CODE SWITCHING*

Diferentemente de Semino (2007), para Calvet (2007) as trocas de código não devem ser consideradas interferências. Para esse autor, as alternâncias são a passagem, em um ponto do discurso, de uma língua para a outra de maneira bem mais consciente, geralmente com algum objetivo dos interlocutores (bilíngues). Possuem funções diversas, de acordo com os exemplos de Calvet (2007, p. 43-58):

- a) Falantes bilíngues trocam de código, muitas vezes, quando querem fazer uma citação de um discurso que foi enunciado em outra língua.
- b) Falantes bilíngues alteram os códigos de forma estratégica, quando querem chamar atenção para algum ponto relevante do discurso, para fazer alguma ironia ou piada que somente tenha sentido em outro idioma.

¹⁰ Com relação aos processos cognitivos que implicam a formulação e testagem de hipóteses na aquisição de L2, tanto em contexto formal, como informal, ver estágios de Pienemann e Johnston (1987) e hierarquia de Pienemann (1999), trazidos por Gass e Selinker (2008, p. 227 e 229)

¹¹ Ver *ibidem* (p.230 e 236): “Restructuring” e “U-shaped learning”.

c) Por negociação da língua em que se dará a interação, por exemplo: uma telefonista troca de código dependendo da língua que a pessoa do outro lado da linha fala. Outro exemplo se observa nas relações comerciais de fronteira: nas primeiras frases acontece um momento de percepção da língua que cada um dos interlocutores utiliza, em seguida, define-se o idioma em que se dará o discurso. Isso negociado, segue-se a conversa.

d) Ocasões em que não ocorre negociação. Segundo Calvet, essa interação parece ser paradoxal, mas ocorre à medida que dois falantes bilíngues querem comunicar-se na língua do outro. Ao perceber o sotaque e as interferências do seu interlocutor, acabam falando na língua que não é a sua LM, do início ao fim da conversa. Isso se exemplifica quando um garçom uruguaio, atendendo a um brasileiro, fala em português e o cliente fala em espanhol. Ocorre um conflito de papéis quanto à escolha da língua de intercâmbio, que chega ao fim sem que nenhum dos interlocutores recue, portanto, não ocorrendo a negociação.

e) Situações de comunicação plurilíngue. Como última possibilidade de alternância de códigos, existem as situações de comunicação plurilíngue, em que os comportamentos linguísticos são ditados pela necessidade. Isso pode ocorrer, por exemplo, em um colóquio onde os participantes falam várias línguas e possuem diferentes nacionalidades. Nesta situação, durante as conferências seguramente se falará a língua inglesa, que é padrão internacional. No entanto, nos corredores e cafés, em conversas informais e com menor número de interlocutores, serão adotadas línguas comuns aos envolvidos na conversação.

Após a caracterização das possíveis situações em que ocorrem as alternâncias de código, segundo Calvet (2007), esse artigo direciona-se para o contato linguístico em contextos de fronteira, cenário em que a estigmatização de algumas línguas se faz presente.

2 LÍNGUAS ESTIGMATIZADAS

A língua que uma nação fala é associada diretamente à identidade e a fatores culturais de um povo. Assim, da maneira como as sociedades são organizadas, uma nação mais poderosa econômica e culturalmente acaba impondo sua língua às demais nações. Isso se observa perfeitamente com a hegemonia do inglês no contexto mundial. Nesse sentido,

poderia entrar em discussão o interessante conceito da língua como capital simbólico criado por Pierre Bourdieu¹², mas que não será aprofundado neste trabalho.

Ao distinguir as funções da língua, Ponso (2006) evoca a questão da pressão social como uma das funções externas. A pressão social seria o que influencia o falante a usar determinada língua em detrimento da outra. Tal pressão pode advir de diversas ordens: econômica, administrativa, cultural, política, militar, histórica, religiosa ou demográfica.

Neste sentido, em um cenário de línguas em contato, percebem-se inúmeras razões políticas e culturais para que as línguas indígenas, africanas e as de imigração tenham diminuído drasticamente seu número de falantes. Línguas essas que em determinado momento histórico, eram predominantes e atualmente são consideradas minoritárias. As línguas africanas em território brasileiro, por exemplo, já se extinguíram, restando apenas alguns resquícios em cultos religiosos.

Considerando os contatos entre línguas de países vizinhos, existem muitos estudos que contemplam a fronteira norte do Uruguai com o Brasil, na divisa entre Santana do Livramento e a cidade de Rivera. Carvalho (2007) fez um diagnóstico sociolinguístico de comunidades escolares daquela região fronteira, constatando que:

En situaciones de bilingüismo social es común encontrar sobre todo dos tipos de mecanismos de transferencia: transferencia de significado, o “extensión semántica” y transferencias de estructuras. Ambos mecanismos son más productivos a través de la incorporación de elementos del idioma mayoritario, en este caso el español, al repertorio gramatical del idioma minoritario, el portugués. (CARVALHO, 2007, p.67).

De acordo com a autora, em situações onde duas línguas compartilham o mesmo espaço, é comum que ocorra o fenômeno de transferência em diferentes níveis: léxico-semântico e sintático, observando-se também que tais transferências podem ocorrer em nível de pronúncia. É comum, nesses casos, que um idioma ‘empreste’ certas denominações ao outro, visto que as populações estão em contato direto com ambas as línguas.

Verifica-se, então, que a maneira de falar das pessoas que vivem nessas regiões geográficas certamente será influenciada por mais de uma língua, gerando expressões e pronúncias que diferem do dialeto padrão, tanto do português como do espanhol. Gera-se assim um dialeto próprio das regiões de fronteira, o qual na maioria das vezes é estigmatizado

¹² Ver: “O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas”, 1998 e, “O Poder Simbólico”, 1992.

e tratado com preconceito, como o “portunhol”, também conhecido como “rompeidiomas¹³”. Essa última denominação deixa evidente a questão de como estes dialetos são vistos de maneira negativa.

Interessante notar que, em seu estudo, Carvalho (2007) verificou que, na região de Rivera, o espanhol é considerado uma língua de maior prestígio, comparado ao português, por razões históricas e sociais. Naquela região, a língua portuguesa estaria tão estigmatizada ao ponto de o espanhol interferir em maior quantidade nas falas, em português, dos bilíngues. No entanto, cabe ressaltar que, em suas observações qualitativas, a autora percebe outro fator bastante relevante e que, em sua opinião, evidenciaria ainda mais o desprestígio do dialeto português falado naquela fronteira.

Em entrevistas realizadas com professores e pais de alunos (bilíngues, falando em português), Carvalho observou que, quando abordados tópicos que se referiam a situações de maior formalidade (por exemplo, quando mencionando instituições: escola, polícia, religião, etc), estes informantes, embora falando português, tomavam emprestados termos na língua espanhola¹⁴.

“Los préstamos lexicales ya establecidos son aquellos que se usan siempre en español durante interacciones en portugués. Es decir, **en conversaciones en portugués se usan en español** palabras que se relacionan a profesiones como maestro, doctor, cura; instituciones como jefatura, escuela, liceo, guardería; direcciones como calle, plaza, barrio, y fechas como días de la semana, meses, fiestas nacionales, etc. Estos significados se refieren al dominio público y, por lo tanto, las palabras en español son las elegidas entre los bilingües, aún cuando están hablando en portugués (CARVALHO 2007, p.69, grifo nosso).

Diversas interpretações poderiam explicar este fenômeno, porém, evidencia-se que a estigmatização da língua portuguesa tem um peso relevante neste contexto, visto que as palavras que geraram as interferências foram justamente aquelas usadas em contextos mais formais, ou que representam situações de maior formalidade. A hipótese trazida por Carvalho

¹³<http://www.artigonal.com/literatura-artigos/fronteira-onde-as-patrias-as-culturas-e-os-idiomas-se-misturam-490888.html>. Acesso em fevereiro de 2013. “O portunhol, filho ilegítimo do português e do espanhol, filho dessa mistura borbulhante do encontro de duas nações, de duas culturas, sofreu, e ainda sofre, todo tipo de discriminação. É uma linguagem fora de qualquer padrão, cânone ou norma. Variável, às vezes obscuro, mas fervilhante, vivo, espontâneo, cheio de imaginação e graça. Idioma do povo, rompeidioma como é chamado no Uruguai, expressa com clareza o sentimento dos menos favorecidos e até dos privilegiados que, na intimidade, não hesitam e o usam sem reservas”.

¹⁴ Exemplos trazidos por Carvalho (2007, p. 69):

A **maestra** só fala uruguaio.

A minha mãe vai comprar uma televisão nova de cento e vinte canais pra poder comprar **cable**.

Meu pai entrou na **policía**, agora ele é **policía**.

Aí **despues** eu consegui outro **empleo**.

é a de que, estando inculido no subconsciente destes participantes que o espanhol é a língua de prestígio, os indivíduos acabaram tomando emprestado palavras da língua prestigiada, quando falando em português.

A hipótese trazida pelo estudo de Carvalho serve para uma reflexão sobre a questão da estigmatização das línguas, porém, são necessários mais estudos nesse sentido, abarcando um número maior de participantes. Interessante também seria estudar outras regiões de fronteira entre Uruguai e Brasil, no intuito de perceber se a hipótese se repete. Contudo, o estudo da autora direciona para a questão de que existe um conjunto de atitudes e de sentimentos dos falantes para com as línguas e suas variedades. Tais atitudes não se geram involuntariamente, elas se formam a partir do status que determinada língua ou variedade dialetal possui na comunidade e esse decorre de discursos oriundos do poder ideológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bilinguismo é uma capacidade que não pode ser mensurada igualmente em todas as habilidades e níveis linguísticos, dessa forma os bilíngues são incapazes de pronunciarem-se como nativos em duas línguas. Esse fato faz com que, em contextos de fronteira, a convivência entre línguas vizinhas venha a gerar empréstimos e interferências, inconscientes e involuntárias, assim como a alternância de códigos. Essa, por sua vez, mais consciente e usada como estratégia de comunicação.

Toda essa mistura de fenômenos, na maioria das vezes, é tratada de forma pejorativa e as variedades de fronteira são tachadas de línguas “mal faladas”, são rotuladas e vítimas de preconceito linguístico, evidenciando-se uma hierarquia ideológica entre línguas que habitam o mesmo espaço.

As línguas convivem em contextos de fronteira. Esse convívio deveria ser harmonioso e apreciado positivamente, como riqueza cultural e sem o preconceito que ocorre com o portunhol. A linguística histórica mostra que, no decorrer de um processo diacrônico, o que hoje é rotulado negativamente, poderá implicar significativamente na evolução dessas línguas, visto que a mudança linguística ocorre a partir da língua em uso. Existe a possibilidade de esse portunhol, hoje condenado e estigmatizado, tornar-se a língua vernácula do amanhã, a exemplo do que ocorreu com o latim clássico e o latim vulgar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Carla. Uma discussão acerca do bilinguismo e do preconceito linguístico em populações bilíngues no sul do Brasil. *Letrônica*. Porto Alegre, v.2, n.1, p. 231-239, julho 2009.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*. Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

_____. A constituição do corpus para um “atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na bacia do prata”. In: Martins - Staden- Jahrbach. São Paulo, n.51, p.135-165, 2004.

_____. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALVARES, Maria Luisa Ortís. La transferencia, la interferencia y la interlengua en la enseñanza de lenguas próximas. *Scielo*. An. 2. Congr. Bras. Hispanistas Oct. 2002. Disponível em:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100039&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em novembro de 2010.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BOURDIEU, Pierre: *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier; BRIAN, Nicolás. *Portugués del Uruguay y Educación Bilingüe*. ANEP: Montevideo, 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 3º Ed, 2007.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARVALHO, Ana Maria. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier; BRIAN, Nicolás. *Portugués del Uruguay y Educación Bilingüe*. ANEP: Montevideo, 2007, p. 49-98.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. El español en Brasil. In: SEDYCIAS, Jo. *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola, 2005, p.14-34.

GASS, Susan; SELINKER, Larry. *Second Language Acquisition: an introductory course*. 3^o ed. New York : Routledge, 2008.

LUZARDO, Javier Eduardo Silveira. *Análise da Fricativa Sibilante /S/ do Português do Uruguai*. 2008, 115 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2008.

PONSO, Leticia Cao. A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS. 2006. 103 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SEMINO, María Josefina Israel. *Español y Portugués: desenredando las lenguas*. Rio Grande: Ed da FURG, 2007.

ZIMMER, Márcia; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lílian. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a Psicolinguística e a Neurolinguística. *Revel*, vol.6, nº 11, agosto de 2008.

ZIMMER, Márcia. Cognição e aprendizagem de L2: uma abordagem conexionista. In: MACEDO, Ana Cristina; FELTES, Heloísa; FARIAS, Emília. *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Recebido em setembro de 2012.

Aceito em novembro de 2012.